

# A LIMPEZA DA ROCHA DOS BORDÕES

PAULO J. M. BARCELOS\*

\* ASSOCIAÇÃO OS MONTANHEIROS

FOTOS DA ASSOCIAÇÃO OS MONTANHEIROS



**POUCOS SERÃO OS AÇORIANOS** que desconhecem a *Rocha dos Bordões*. Foi esse o nome que o povo encontrou para designar aquela escarpa rochosa que viam lá no alto, e que se assemelhava a *bordões* alinhados uns ao lado de outros.

Este acidente geológico incomum, que se localiza na freguesia do Mosteiro, concelho das Lajes, no quadrante sudoeste da ilha das Flores, é um dos elementos paisagísticos mais emblemáticos desta ilha, cuja imagem tem sido, desde há muitas décadas, um incontornável *ex-libris* para a população local. Esta morfologia, tão particular, encontra-se reproduzida na forma de pintura: em telas e murais; na forma de fotografia: em calendários, pôsteres, postais e outros suportes; e noutras manifestações artísticas, sejam esculturas, baixos relevos, artesanato ou poesia. Não há quem vá à ilha das Flores que não a queira visitar, e quase todos capturam a sua imagem numa máquina fotográfica, num *smartphone* ou mesmo em vídeo.

Refira-se, como exemplo mais recente, que este ano esteve presente nas Sanjoaninas 2016, em Angra do Heroísmo, a *Marcha Oficial dos 500 anos do Concelho das Lajes das Flores*, que exibia a *Rocha dos Bordões* (a única imagem que traziam) na faixa identificativa que abria o seu desfile. É inquestionável que a imagem é utilizada na promoção turística da ilha e do concelho com evidentes benefícios, mas é importante nunca esquecer que, acima de tudo o resto, esta é uma importante peça do nosso património natural, sem dúvida a melhor representação regional deste tipo de fenómeno geológico.

Parte integrante do *Parque Natural da ilha das Flores*, o *Monumento Natural da Rocha dos Bordões* foi assim classificado por Resolução nº 36/2004, de 15 de abril, devido ao seu interesse geológico. É um dos importantes geossítios que integram o *Geoparque Açores*.

## Génese e Morfologia

Na origem de tão extravagante morfologia está um fenómeno chamado de *disjunção prismática*, ou *disjunção colunar*. Este é um processo físico e químico, que ocorreu enquanto uma “*escoada lávica mugearítica com cerca de 570 mil anos*”<sup>1</sup> arrefecia e solidificava, inicialmente à superfície em contato com o ar, prosseguindo depois de forma lenta, em profundidade. Devido à composição do magma, o arrefecimento origina a contração da rocha formando-se fendas hexagonais regulares na superfície, que ficam mais profundas à medida que o magma continuava a solidificar, formando-se assim essas notáveis *colunas*.

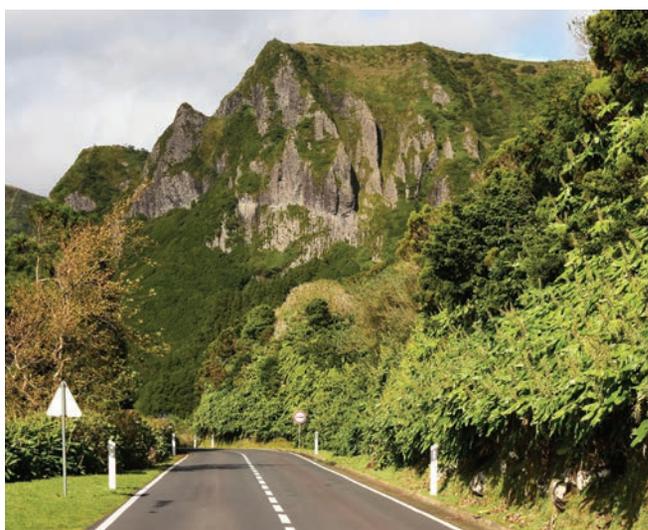
Posteriormente, terão ocorrido fenómenos de erosão que desmontaram a parte exterior deste aparelho e deixou expostos os *bordões*. A *Rocha dos Bordões* está virada a uma zona de vale cavado, que desce até uma baía pronunciada. Em pouco mais de 800 metros de distância ao mar temos um desnível dos 450 m, no topo da rocha, até ao nível do mar.

Ao turista, que do miradouro da estrada observa a rocha, é possível descortinar 3 níveis, ou faixas altimétricas: (1) Uma *Zona de derrocada*, que sobe da estrada até à base dos bordões, criada em boa parte pelos fragmentos dos bordões que ao longo dos anos foram caindo. Aqui a vegetação forma um mosaico irregular, composto por espécies herbáceas e lenhosas comuns na flora natural da ilha, mais exuberante junto à estrada, seja em diversidade de espécies como no tamanho dos indivíduos. Observam-se *Woodwardias*, cedros-do-mato, nalguns locais extensos tapetes de *Trichomanes speciosum*



e noutros pequenos tapetes gramínoides com *Holcus lanatus* e *Agrostis*, grandes quantidades de hortênsias e canaroca (*Hedychium gardnerianum*) e diversas outras espécies de distribuição desordenada. (2) segue-se a Zona dos bordões, com uma frente com cerca de 125 metros de comprimento, onde estão alinhados mais de 2 centenas de colunas verticais de pedra, algumas chegando aos 28 metros de altura e uma largura que varia entre os 0,50 m a mais de 1,00 m. Os bordões fraturados superiormente apresentam o topo plano e, geralmente, 6 lados bem definidos, embora também existam

<sup>1</sup> [http://www.azoresgeopark.com/geoparque\\_aces/geossitios.php?id\\_geositio=15](http://www.azoresgeopark.com/geoparque_aces/geossitios.php?id_geositio=15)



com 4, 5, 7, 8 e 9 lados. (3) por fim há ainda uma Zona superior aos bordões, bastante fraturada, onde a disjunção prismática é pouco visível, e a face da rocha é por vezes de inclinação “negativa”. Na sua parte inferior estão, entre outras, espécies como o folhado (*Viburnum treleasei*), incensos (*Pittosporum undulatum*), cedros do mato (*Juniperus brevifolia*), cana-roca (*Hedychium gardneranum*) e hera (*Hedera azorica*).

### A rocha e a sua vegetação

A Rocha dos Bordões tem mais do que uma face. Aquela que é conhecida de todos e de maior valor turístico é a que está exposta sensivelmente a noroeste. É nesta que melhor se evidenciam os singulares prismas basálticos de invulgar beleza, quer pela sua dimensão, quer pela sua perfeição. Grande parte dos visitantes desconhece, no entanto, que existem “bordões” noutras faces desta rocha, bem como em vários outros afloramentos rochosos nas imediações. Mas, quer pela orografia quer por estarem parcialmente cobertas pela vegetação, não tem a visibilidade da Rocha dos Bordões, que se torna no exemplo mais representativo na região deste tipo de estruturas.

Ao longo dos anos, numa marcha inevitável, a vegetação foi-se paulatinamente instalando nas fraturas entre os bordões numa tentativa inglória de recobrir toda rocha, o que não acontece mercê do tempo agreste de oeste que fustiga a rocha e das derrocadas que ocasionalmente acontecem, algumas potenciadas pela intromissão das raízes mais fortes que crescem nos interstícios da rocha. No entanto, é uma realidade, a chegada regular de novo aporte de material vegetal (sementes, esporos ou fragmentos vegetativos) e de substrato terrícola dispersos pelo vento, animais ou caídos de cima. Sobre este manto rochoso existem pastagens permanentes, com outras herbáceas à mistura, e bosquetes de várias espécies arbustivas e arbóreas. Os ventos ascendentes funcionam também como um transportador de diásporos promovendo a disseminação de espécies. Os “tabuleiros” deixados



pela queda parcial dos bordões e as fendas de separação entre os mesmos favorecem a retenção da terra e a fixação das espécies. Na rocha encontram-se estabelecidas, com maior expressão a nível de cobertura, espécies graminoides como a festuca (*Festuca jubata*) e a descampsia (*Deschampsia foliosa*), que se instalam ao longo das fendas de separação dos bordões. A rapa (*Calluna vulgaris*) e a hera (*Hedera azorica*) são também outras espécies com alguma expressão. As restantes espécies vegetais existentes têm uma presença e dispersão menos significativa.

À partida existe um grande potencial, quase sempre confirmado, das escarpas rochosas interiores das nossas ilhas serem habitat de populações de espécies importantes da nossa flora natural. Nem foi equacionada a possibilidade de recorrer a qualquer herbicida para controlar as plantas que cresciam na rocha. O trabalho de remoção das plantas teria de ser mecânico, com sachos, fazendo aquilo a que jocosamente chamamos “cavar a rocha”. Os cabos mais curtos e as lâminas estreitas e mais leves, dos sachos, transformavam-nos nas alfaias ideais para raspar as gramíneas, cavar os depósitos de terra, arrancar as trepadeiras e cortar os pequenos arbustos, de ramos lenhosos e teimosos, que fazem lembrar a expressão “*verga mas não quebra*”.

## A Expedição de 1996

Pelo facto de estar parcialmente oculta, em consequência da vegetação que se havia acumulado, em 1996 a Associação Os Montanheiros foi contactada pela *Secretária Regional de Turismo e Ambiente* com o propósito de se proceder à limpeza da Rocha dos Bordões. Após estudar a melhor forma de executar o trabalho e planificar a missão, as Montanheiros fizeram deslocar, em julho desse ano, uma equipa de 6 elementos que, numa expedição de 9 dias, haviam de limpar bordão após bordão, toda a rocha, tentando erradicar a vegetação invasora que povoava a rocha. Esta expedição ficou documentada numa edição do *Pingo de Lava* desse ano.

Nessa, que foi a primeira vez que nos deslocámos à *Rocha dos Bordões*, tudo foi novo: as acessibilidades, o inventário florístico *ongoing*, onde encontrar pontos de amarração para as cordas, qual o esforço físico que nos seria exigido e qual o nosso rendimento na execução das tarefas.

Acedeu-se ao cimo da rocha por aquilo que resta de um atalho antigo, com início num caminho rural em más condições que subia junto à Lagoa Funda. Por baixo, subimos desde a estrada até à base dos bordões por um atalho aberto por nós para o efeito. Começou-se por limpar a base dos bordões, criando-se uma plataforma que servia para o trânsito junto à rocha e para a chegada em segurança dos escaladores que desciam pelas cordas.

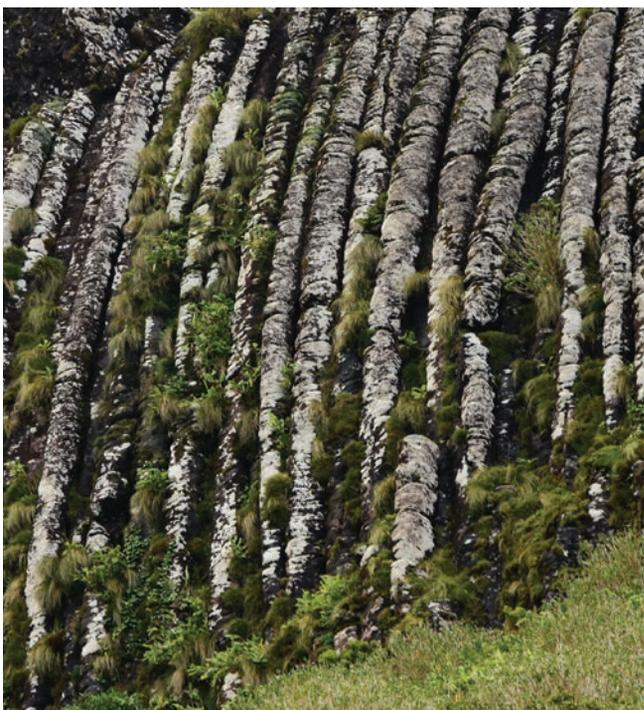
Para limpezas com os trabalhadores “suspensos”, os pontos de amarração dos cabos por onde sobem e descem são uma das dificuldades a ter em conta. Nalguns pontos da rocha a vegetação de maior porte não oferece confiança e o piso é composto por um prado que, pelo declive e vegetação torna-se escorregadio. Noutros locais os “negativos” da rocha dificultam imenso o lançamento dos cabos na direção ao local desejado. Tudo isso acabou tornando a progressão dos trabalhos mais lenta que o inicialmente previsto.

Afastado à partida o recurso a herbicidas, pela dispersão caótica que a aplicação origina, recorreu-se a motosserras (na base da rocha), a *podoas* e sachos para limpar a vegetação e os inertes acumulados que se encontrassem nas fissuras e tabuleiros dos bordões partidos. Foi uma tarefa cansativa, de difícil execução, e grande perigosidade.

No entanto, apesar da limpeza eficaz que foi realizada, era inevitável que nos anos seguintes muitas espécies tenham voltado a recolonizar este habitat. Os diásporos com recurso ao vento ou outros artifícios conseguem sempre atingir algumas fissuras e enclaves na rocha e aí desenvolver-se.

## A Expedição de 2015

Passados 19 anos, a Direção Regional do Ambiente convi-



dou a Associação Os Montanheiros para realizar novamente esta árdua tarefa. Desta vez procurámos repetir a metodologia com que antes tínhamos conseguido ser bem-sucedidos, preparando-nos para que não ocorressem “surpresas”, como em 1996 em que tudo foi novidade.

Preparou-se um grupo de oito elementos da associação, assim constituído: **José Maria Botelho, Paulo Barcelos e Fernando Pereira (Pardal)**, que tinham já participado na campanha de 1996, **Paulo Mendonça** (que devido a um imprevisto teve de regressar ao quarto dia), **Ricardo Silveira, Tiago Resendes, João Moniz e Ramiro Barbosa**. Juntaram-se ainda a nós **Daniel Costa e Carla Costa** que apesar de irem fazer umas férias às Flores prestaram-nos um valioso apoio logístico. Aqueles que iam trabalhar nas cordas prepararam-se de forma especial com treinos específicos de adaptação ao equipamento e às condições de trabalho que nos esperava. A limpeza da vegetação seria feita novamente por escaladores e, se uns já tinham alguma prática neste tipo de atividade, outros precisavam de mais alguma formação, pois esperavam-nos muitas horas por dia pendurados em cordas.

Planeara-se executar o trabalho em oito dias, mas o mau tempo havia de se encarregar de contrariar o planeado.

### Dias 22 e 23 de outubro

O grupo mostrava-se receoso, não pelo trabalho que nos esperava, mas pelas previsões sobre o estado do tempo. A comprovar esses receios, o início da expedição começava da pior maneira. Chegados ao aeroporto fomos ao balcão de *check in* fazer o que habitualmente fazem os passageiros: entregar as catanas, as serras de mão, os sachos, os arneses, mala de primeiros socorros... enfim, o “normal” para quem vai viajar à procura de “diversão”. Excesso de peso? Claro que sim! Mas apelando a umas boas vontades tudo se resolveu.

Perto da hora prevista de embarque, era anunciado pelos altifalantes que devido ao nevoeiro que cobria Santa Cruz das Flores, o voo estava atrasado. Lá ficámos cerca de 5 horas na sala de embarque a ouvir repetidamente o mesmo, a

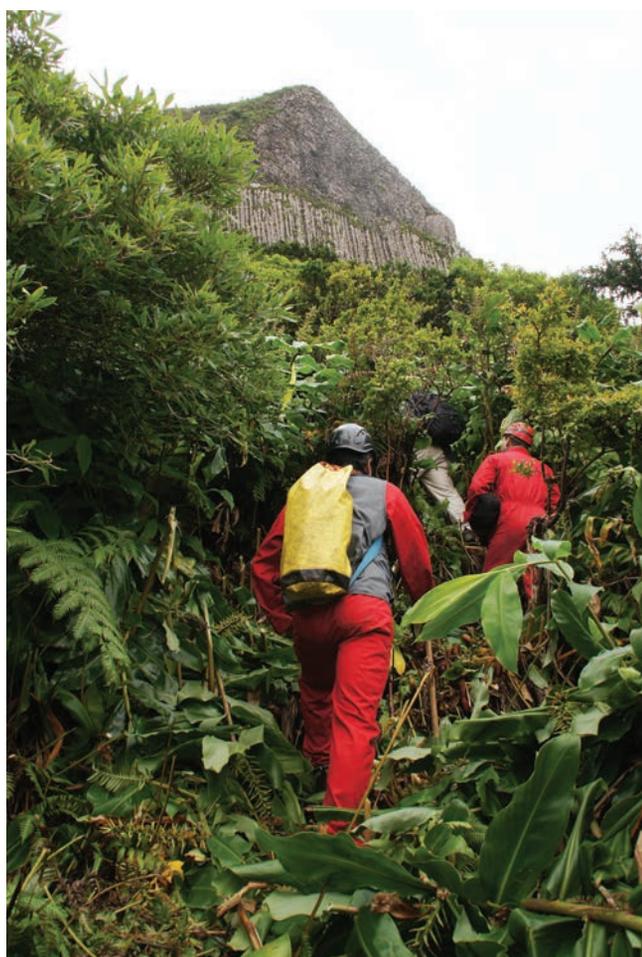


cada 30 minutos, até que por fim chegou o veredito final: por impossibilidade de aterrar no destino, o voo tinha sido adiado.

No dia seguinte, de regresso à hora marcada, chegámos ao aeroporto para fazer novo *check-in*... novamente uma aventura, tal era o peso a mais que levávamos. Valeu-nos alguns amigos que também tinham como destino as Flores e que aceitaram dividir parte desse excesso. Já a bordo, a viagem de 50 minutos foi impecável, com uma aterragem muito suave.

No aeroporto em Santa Cruz levantámos as duas viaturas que havíamos reservado na rent-a-car *Autatlantis* e dirigimo-nos para o *Hotel Ocidental* para nos registarmos. Guardadas as malas nos quartos estávamos prontos para seguir... para a mesa! Almoçámos o prato do dia no *Sereia*, por ser mais rápido, na companhia do nosso amigo José Eduardo, diretor do Parque Natural da ilha das Flores, do Paulo Henrique Silva e do Paulo Pereira, técnicos de som e imagem enviados pela Direção Regional do Ambiente para fazerem a cobertura da expedição. E lá seguimos, rumo à *Rocha dos Bordões*, divididos em 2 grupos:

José Maria, Paulo Barcelos e Carla Costa foram encontrar-se na estrada, na base da rocha, com 2 operários da Câmara Municipal da Lajes, entidade a quem havíamos solicitado previamente apoio, e que com a motosserra nos ajudou a abrir um atalho da estrada até à base dos bordões e ao longo desta. Este acesso, a que diariamente recorremos para chegar à rocha, é sempre complicado de ser aberto e mesmo depois nunca é um atalho fácil. A inclinação do terreno, o tipo de piso e as escorrências de água dificultam bastante as subidas e as descidas.





Esta nova expedição permitiu-nos uma observação à parte da rocha que havia sido intervencionada em 1996 e analisar a forma como a vegetação então existente reagiu ao corte. Podemos constatar várias questões relevantes: algumas cedros e louros que foram cortados junto à base dos bordões secaram; muitos folhados e outras lenhosas que existiam pontualmente ao longo da rocha, parecem ter sido também fortemente penalizadas pela intervenção passada.

O segundo grupo, constituído pelo *Pardal*, Ricardo Silveira, Tiago Resendes, João Moniz, Daniel Costa e Ramiro Barbosa, foram pela parte alta da rocha (re)descobrir o melhor acesso, por entre pastagens, canadões e sebes, para chegar ao topo da rocha. Transportaram um conjunto de 6 cordas e mais equipamento, necessário para fazer as primeiras amarrações na parte mais a norte da rocha. Acompanhou-os o Paulo Henrique para umas primeiras filmagens.

No final do dia Ricardo Silveira tinha conseguido fazer a primeira descida, limpando a primeira fiada de bordões, e o *Pardal* tinha conseguido posicionar uma segunda e terceira cordas, preparando terreno para o dia seguinte. Foram tiradas fotografias panorâmicas e de pormenor.

De regresso ao hotel, tivemos a sublime experiência de jantar o frango assado do *Café Hotel*... surpreendente e inesquecível. Um passeio noturno antes do descanso e todos para a caminha.

### Dia 24 de outubro

Às 7:30 esperava-nos um pequeno almoço simples, mas satisfatório, findo o qual saímos à procura do café expresso mais próximo para aquela dose de cafeína imprescindível.

Mais uma vez dividimos o grupo. O grupo do cimo da rocha, foi posicionando as cordas, lentamente, aproveitando

para abrir uma vereda ao longo de toda a escarpa, e outra desta para o interior até às pastagens. Do lugar onde ficava o carro, tínhamos de descer umas pastagens, atravessar uma mancha de vegetação arbustiva que estava bastante fechada até chegar ao topo da rocha. A necessidade de aceder à rocha e de percorrer o seu topo durante os dias seguintes obrigava a esta ação inicial.

O grupo da base da rocha foi começando a limpar alguns bordões. O Ricardo Silveira conseguiu limpar por completo o primeiro sector, da esquerda. Enquanto o Pardal andava nas alturas desesperadamente à procura de cedros-do-mato robustos o suficiente para fazer a amarração das cordas, num terreno de muito difícil e arriscada progressão, outros de enxadas e catanas na mão limpavam a base dos bordões, ao longo de toda a linha, até onde o braço chegada.

Paulo Henrique Silva aproveitou para recolher alguns depósitos para o seu trabalho, e o Paulo Pereira fez umas imagens espetaculares com o seu *drone*. No aniversário dos Montanheiros a 1 de dezembro foi apresentada na sessão solene uma das montagens (a mais *interessante*) feitas com essas imagens, constatando-se o agrado dos convidados.

Foi um segundo dia bastante cansativo, mas serviu também para uma primeira avaliação daquilo que nos esperava.

### Dia 25 de outubro

O dia amanheceu chuvoso, tal como tinha estado durante a noite, e muito ventoso, com fortes rajadas. Impossível de trabalhar nessas condições. Para não perder o dia, decidimos ir recolher informações de que precisamos para outros projetos da associação. Acabámos por mostrar parte da ilha das Flores àqueles que aqui estavam pela primeira vez, e alguns dos seus locais mais “turísticos”. Claro está que os aficionados por *geocaching* aproveitaram logo, e bem, para fazerem algumas *caches*. Avançámos até Ponta Delgada, com paragens no miradouro do ilhéu do Martins, no Farol da Ponta do Alvernaz, no miradouro do ilhéu da Maria Vaz e no porto de pescas, mesmo ao lado do novo parque de lazer. No regresso visitámos a Fazenda de Santa Cruz, primeiro com uma paragem para admirar a imponente igreja seguindo depois para o Parque Florestal Luís Camacho. Um momento de relaxe e passeio num parque com muito para oferecer. Junto ao miradouro no fim do Parque, ao ver aquele lençol de água, veio a vontade de visitar a barragem... e lá fomos nós.

Seguimos depois para a *Rocha dos Bordões* na esperança que as melhorias que se previam para a tarde fossem já uma realidade. Com os carros estacionados na base da rocha, fomos surpreendidos por uma chuvada intensa trazida





por um vento forte, que adiou as nossas intensões. Decidimos ir almoçar as nossas sandes à Fajã Grande, pertinho do mar. Uma visita ao Poço do Bacalhau e rumámos novamente à rocha para mais uma tentativa. Desta vez conseguimos trabalhar algumas horas, debaixo de um vento forte e frio, limpando alguns bordões. Perto das 17:00 horas, ainda na rocha, soubemos que o Sporting ganhava ao Benfica por 3-0 no estádio da Luz, o que foi uma alegria para todos (à exceção do João Moniz... e o Pardal que prefere tremoços e amendoins ao futebol). Fomos jantar à *Tia Rosa* e depois de um serão para desgastar a comida, lá seguimos para o *vale dos lençóis*.

### Dia 26 de outubro

O dia amanheceu um pouco melhor, embora ainda com vento forte e frio. Começámos o trabalho pelas 9:00 e acabámos cerca das 17:00 horas. Apesar do tempo agreste, não correu mal o dia. Ficou, no entanto, marcado pela queda de alguns pedregulhos do alto da rocha, um dos quais deixou marcas no capacete do Ramiro e outro passou relativamente perto do Tiago que também estava pendurado na limpeza da rocha. A situação causou algum susto, como se percebe, mas não muita estranheza tendo em conta o cenário natural em causa e o estado do tempo que se fazia sentir. É fácil perceber que são situações que acontecem com alguma frequência, principalmente no período de inverno. Obviamente que estávamos todos segurados e tínhamos confiança no equipamento, mas ficou demonstrado que, sem qualquer dúvida, esta é uma atividade de elevado risco.

### Dias 27 e 28 de outubro

Houve uma repetição de acontecimentos nestes dois dias. Amanhecia um tempo tristonho, nublado e instável, mas ainda assim saíamos esperançados que no outro lado da ilha as

coisas estivessem um pouco melhores. Pura ilusão: a oeste nada de novo! Durante a manhã, a vontade impelia-nos para a rocha, e trabalhávamos até que a chuva nos fizesse desistir. Em ambos os dias tivemos de parar à hora de almoço, com os corpos encharcados e arrefecidos pelo vento fresco e pela humidade.

Começávamos agora a ficar muito preocupados: desde a partida para a ilha das Flores, onde perdemos logo aí um dia, que havíamos já acumulado muitas horas em atraso em relação ao cronograma que havia sido delineado. A partir daqui não havia espaço para tirar o dia de descanso projetado acontecer a meio da expedição, e a rocha estaria apenas cerca de 20 % limpa.

### Dia 29 de outubro

O desânimo começou a instalar-se: um mau tempo terrível. A ilha esteve em *alerta amarelo*, com vento muito forte, com rajadas intensas e aguaceiros igualmente fortes e frequentes. Impossível trabalhar nessas condições. O grupo saiu e foi visitar alguns miradouros e admirar algumas das paisagens mais surpreendentes da ilha. Na Fajãzinha era surpreendente admirar as quedas de água que, por ação dos fortes ventos de oeste, caíam das falésias para logo de seguida as voltar a subir... assim parecia.

No fim da tarde fomos até às Lajes. Tinha encontro marcado com José Agostinho Serpa, um amigo florentino que passou muitos anos da sua vida na ilha Terceira. Tendo regressado à sua terra natal assumiu o projeto Costa Ocidental: um canal de emissão de notícias, onde informa daquilo que se vai passando neste recanto do paraíso, que enaltece como poucos. Acedemos, como não poderia deixar de ser, a um convite para uma entrevista sobre a nossa missão, que pode ser vista em <https://www.youtube.com/watch?v=l6dp-fNXgLz8>.

### Dia 30 de outubro

Imperativos de força maior levaram-nos à farmácia e à Câmara Municipal de Santa Cruz logo pela manhã. Seguimos pela parte alta da ilha (planalto central) aproveitando para visitar (finalmente) as lagoas Seca e Branca, queimando tempo enquanto esperávamos para ver o que o tempo frio e os aguaceiros ocasionais nos reservavam. A previsão era que ao longo da manhã o mau tempo do dia anterior se fosse dissipando.

Pouco antes das 10:00 horas chegámos à *Rocha dos Bordões* e tivemos uma triste e inesperada surpresa: o vento do dia anterior além de impossibilitar os trabalhos tinha emaranhado as cordas que estavam já colocadas de forma espaçada na rocha, para serem trepadas na limpeza desses troços, deslocando-as muitos metros para norte, e inclusivamente cruzando algumas delas. O *Pardal* e o *Daniel* foram para o topo da rocha e até ao almoço andaram a reposicionar as cordas. Várias destas tiveram de ser novamente recolhidas, porque ficaram presas nas fendas, no topo dos bordões.

Os restantes elementos, que tinham subido a encosta até à base dos bordões, ficaram pacientemente a aguardar que essas cordas fossem novamente atiradas, recomeçando-se os trabalhos de limpeza apenas depois do almoço, sempre com tempo inseguro. Os aguaceiros chegavam, faziam-nos companhia por uns minutos e partiam.

Nessa tarde, tal como havia prometido, José Agostinho





Serpa veio visitar-nos e recolher algumas imagens para a sua reportagem, sempre em busca do melhor ângulo e do melhor depoimento. Conversou com o Ramiro Barbosa, pendurado numa corda em plena labuta, noutra secção da rocha com Ricardo Silveira acabado de chegar ao chão, e mais adiante com o João Moniz.

Findo os trabalhos regressámos ao hotel para um merecido descanso e tomar algumas importantes decisões.

### Dia 31 de outubro

Este era o dia marcado para que o grupo regressasse à Terceira, no entanto, os planos tinham sido alterados no dia anterior. Como os trabalhos estavam atrasados, e porque finalmente as previsões do tempo mostravam significativas melhorias para os dias seguintes, conseguiu-se que alguns elementos do grupo sacrificassem mais alguns dias da sua vida, para completar a missão. Ficaram por mais uns dias o *Pardal*, o Ricardo, o João e o Ramiro. Os outros, por razões profissionais ou por compromissos já assumidos, tinham de voltar para a ilha Terceira. Aproveitou-se esse último momento em que estávamos todos juntos para tirar a foto da praxe.

Enquanto ao longo do dia os trabalhos prosseguiam na

rocha, os *infelizes dissidentes*, tiveram ainda tempo para visitar José Agostinho Serpa em casa deste, na Costa do Lajeado, com uma descida ao miradouro da Rocha Alta e da fajã desta quebrada. Às 14:00 o grupo regressava à ilha Terceira.

Os restantes elementos estiveram durante todo o dia na rocha.

### Dia 1 a 3 de novembro

Nos últimos dias (suplementares) da expedição, foi possível aos 4 elementos que permaneceram na ilha, os nossos melhores escaladores, completar a limpeza da rocha. Faltavam limpar ainda cerca de 30 % dos bordões, posicionados mais a sul da rocha. São os bordões mais altos e, alguns, aqueles que estão a maior distância do cimo. Felizmente o tempo melhorou o suficiente para permitir terminar o trabalho o melhor que lhes foi possível.

De regresso à ilha Terceira ficou a certeza do dever cumprido, e a sensação de que para estes expedicionários já não deverá haver uma "próxima vez".

Tempo ainda para um agradecimento especial ao José Eduardo, diretor do Parque Natural das Flores, e à Câmara Municipal das Lajes das Flores, na pessoa do vereador Paulo Reis, pelo apoio e disponibilidade.

